EDITORIAL

Enfatizamos, neste segundo número, a nossa orientação editorial: procuramos consolidar um certo modo de pensar os mídia, uma renovação teórica que se caracteriza por considerar os mídias como aquilo que são, isto é, discursos, práticas significantes, sejam elas verbais, imagéticas ou marcadas pela heterogeneidade.

A revista não elege fronteiras, pois o campo das Ciências da Linguagem, lugar onde os estudos ganham sentido, não é, por definição, um campo fechado. É um campo de abertura. Transborda. É um lugar que permite a troca e que não exclui a dimensão histórica, menos ainda a dimensão política.

O preço a pagar é a diversidade de enfoques, ora complementares, ora contraditórios. Aqui ouvimos Barthes a nos dizer que um certo efeito contraditório impele a produção da escrita. Há uma perda, é verdade, mas no extremo da perda, resta, inesgotavelmente, algo retido, na expectativa da escrita que virá.

CALIGRAMA, em conformidade com a proposta de abertura, rompe também com o tradicional isolacionismo que caracteriza as pesquisas sobre as mídias. A visão de um fluxo contínuo, de um transporte interminável e das relações fundantes que constituem umas e outras, tropeça na noção de especificidade e concede à imagem de rede uma forma plausível para desenhar a ruptura: redes midiáticas.

Neste número, V.Romanini em - A Cifra que se Revela, nos mostra a vida sofrida e a obra complexa de Charles Sanders Peirce e esclarece a sua contribuição para a moderna pesquisa em comunicação. Texto que não oculta o entusiasmo que o cientista desperta e leitura obrigatória.

A troca simbólica que, segundo Lévi Strauss, é a relação constituinte da sociedade, tem nas mídias, hoje, o espaço privilegiado. O trabalho de Patrícia Ceolin do Nascimento procura demonstrar que a informação, entendida como uma forma narrativa, é o elo essencial desse processo.

Caminhos distintos desvelam o cinema: a intertextualidade, como o faz Gilberto Alexandre Sobrinho, em Intertextualidade Revista: cinema, teatro e pintura, tomando como objeto o filme O Bebê Santo de Mâcon, de Peter Greenway; a dimensão histórica, que é o destaque do texto de Luiz Alberto Rocha Melo: Estouro na Praça: Alinor Azevedo, Alex Viany e a Comédia Musical Carioca e o filme como pré-texto para dizer do texto impossível que é a feminilidade, como lemos no trabalho de Eduardo A. Furtado Leite: A Subversão de uma Subversão em a Comilança.

O Plano Cruzado talvez tenha sido um momento exemplar para o estudo da construção, pelos mídias, da figura dos intelectuais. Em Os Intelectuais do Plano Cruzado, Rafael Fortes nos mostra esse processo, através da análise das reportagens realizadas pelas revistas *Veja* e *Istoé*, no período de março de 1986. O quadro de referências inclui P. Bourdieu, A. Gramsci, N.Bobbio e outros.

A discussão recorrente sobre a crônica, escrita que desafia os delírios classificatórios, é reposta pelas contribuições de Thiago Mio Salla: Entre a Literatura e o Jornalismo: as Crônicas de Graciliano Ramos e Érica M.C.Neiva: Questionamentos e Reflexões no Exercício Cronístico de Clarice Lispector.

O trabalho de Carolina Terra introduz ao mundo da comunicação digital, em todos os seus desdobramentos, enfocando os benefícios da extensão das novas tecnologias ao universo das relações públicas.

Os *blogs*, na ordem do dia, são tratados por Tarcísio Torres da Silva, sob o prisma da formação de identificações propiciadas pela rede, no texto Blogs e o Crescimento das Trocas Simbólicas na Rede.

O Simpósio Joyce-Lacan, realizado em Dublin, em junho, celebrou o encontro, na letra, entre um e outro. O texto apresentado, que aqui publicamos, repõe questões que dizem respeito à filiação, à mulher e ao amor. Questões que geram o nó a amarrar o enigma do destino infeliz da filha de James Joyce.

CALIGRAMA se encerra com a resenha de *O Livro de Partituras de Wisnik*, de autoria de José Miguel Wisnik, e com a entrevista de Atílio Avancini.

São Paulo, agosto de 2005